



VALORIZAÇÃO DA LINGUAGEM E CULTURA PERIFÉRICA: NARRATIVAS QUE CURAM

Ana Luiza Prestes Pinto¹
Emanuely Ribeiro Gonçalves²
Marjorie Pelik Kempe Camargo³
Rebeca Schwichtemberg Lopes⁴
Vitória Emanuely Santos dos Reis⁵

Resumo: O projeto “Narrativas que Curam” foi desenvolvido com o propósito de oferecer um espaço seguro de expressão para pessoas em situação de vulnerabilidade atendidas pelo CREAS Samuel Klabin no município de Telêmaco Borba. O trabalho teve como foco a valorização da linguagem e cultura periférica, promovendo o acolhimento por meio da arte e da palavra. A metodologia utilizada foi participativa e inclusiva, de cunho qualitativo, a qual foi dividida em quatro módulos: escrita anônima de relatos, roda de conversa com temas emergentes, produção artística coletiva e exposição opcional das criações. As atividades priorizaram a escuta ativa, o anonimato e a liberdade de participação, proporcionando um ambiente respeitoso e empático. Durante o processo, as participantes puderam compartilhar experiências e sentimentos, resignificando suas vivências por meio da criação coletiva. Como resultado, observou-se o fortalecimento da identidade grupal, o desenvolvimento de vínculos afetivos e a construção de um espaço de pertencimento. O projeto evidenciou a importância de iniciativas que promovam a expressão individual e coletiva em contextos de vulnerabilidade, reforçando o potencial transformador da arte como ferramenta de escuta, resistência e apoio.

Palavras-chave: Linguagem Periférica; Vulnerabilidade Social; Expressão Artística; Pertencimento; Inclusão.

Abstract: The project “Narratives that Heal” was developed with the purpose of offering a safe space for expression to people in vulnerable situations assisted by CREAS Samuel Klabin in the municipality of Telêmaco Borba. The work focused on valuing peripheral language and culture, promoting inclusion through art and the spoken word. The methodology used was participatory and inclusive, with a qualitative approach, and was divided into four modules: anonymous writing of personal stories,

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <analuizaprestespp@gmail.com>

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <manugonribeiro@gmail.com.br>

³ Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <mpkcamargo@gmail.com>.

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <reslofac@gmail.com.br>

⁵ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <reis22754@gmail.com>



group discussions on emerging themes, collective artistic production, and the optional exhibition of the creations.

The activities prioritized active listening, anonymity, and freedom of participation, fostering a respectful and empathetic environment. Throughout the process, participants were able to share experiences and feelings, reframing their life stories through collective creation.

As a result, there was a noticeable strengthening of group identity, the development of emotional bonds, and the construction of a sense of belonging. The project highlighted the importance of initiatives that promote both individual and collective expression in contexts of vulnerability, reinforcing the transformative potential of art as a tool for listening, resistance, and support.

Keywords: Peripheral Language; Social Vulnerability; Artistic Expression; Belonging; Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão intitulado “*Narrativas que Curam*”, desenvolvido com foco na valorização da linguagem e da cultura periférica, foi realizado com pessoas em situação de vulnerabilidade social atendidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) no município de Telêmaco Borba. A iniciativa priorizou a escuta ativa, o acolhimento e o anonimato, promovendo a expressão por meio da arte e da palavra. O presente estudo concentra-se na criação de um espaço seguro de expressão, em que as participantes mulheres vítimas de violência compartilham experiências e emoções de forma voluntária, respeitosa e criativa.

O objeto deste trabalho delimita-se à construção de um ambiente participativo e inclusivo para indivíduos frequentemente marginalizados, por meio de práticas extensionistas articuladas aos campos da educação e da assistência social. A escolha deste público justifica-se pela necessidade de espaços não institucionalizados de escuta e acolhimento, especialmente para pessoas que enfrentam violência, exclusão social e preconceito.

A valorização da linguagem periférica tem sido amplamente discutida no âmbito das ciências humanas e sociais, sobretudo em relação à construção da identidade, do pertencimento e da resistência cultural. Diversos estudos destacam a importância da



arte e da narrativa como instrumentos de transformação social, principalmente em contextos de vulnerabilidade. No entanto, ainda são escassos os trabalhos que integram metodologias criativas a práticas de escuta segura em ambientes periféricos.

A problemática central desta pesquisa relaciona-se à invisibilidade social e ao silenciamento das vozes periféricas de mulheres vítimas de violência, frequentemente marcadas por estigmas e desvalorização cultural. Nesse contexto, o objetivo geral do projeto é proporcionar um espaço de expressão em que as participantes possam ressignificar suas vivências e construir coletivamente formas simbólicas de resistência e pertencimento. Entre os objetivos específicos, destacam-se: estimular a produção artística coletiva por meio do diálogo e da criação de desenhos; promover o acolhimento emocional por meio da socialização das falas das mulheres atendidas no CREAS Samuel Klabin; e fortalecer os laços comunitários entre as participantes, especialmente em momentos de fragilidade pessoal.

A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, participativa e exploratória, estruturada em quatro módulos sequenciais: escrita anônima de relatos, rodas de conversa sobre temas emergentes, oficina de produção artística e exposição opcional das criações. Todas as etapas foram planejadas para respeitar os limites, os tempos e as formas de expressão das participantes, garantindo sigilo, liberdade e respeito às diferentes linguagens.

Este artigo propõe uma análise crítica do projeto *“Narrativas que Curam”*, enfocando aspectos metodológicos, resultados alcançados e implicações sociais e educacionais da iniciativa. Parte-se da compreensão de que a valorização da linguagem periférica e a utilização de práticas artísticas constituem estratégias relevantes para a construção de espaços seguros de escuta e expressão, especialmente junto a mulheres em situação de vulnerabilidade social. Busca-se compreender de que maneira o projeto contribui para a ressignificação de experiências pessoais, fortalecendo identidade, autoestima e sentimento de pertencimento.

As contribuições deste estudo situam-se tanto no campo da extensão universitária quanto nas práticas interdisciplinares que articulam educação, arte e assistência social. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e participativo, o projeto



evidencia o potencial transformador da escuta ativa e da expressão criativa na promoção do protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados.

2. IDENTIDADE E LINGUAGEM

A linguagem, segundo o dicionário Michaelis On-line (2025), é a “faculdade que tem todo homem de comunicar seus pensamentos e sentimentos”. Conclui-se, portanto, que a capacidade de se comunicar está intrinsecamente ligada à linguagem, pois é por meio dela que expressamos ideias, desejos, emoções e conhecimentos, estabelecendo conexões com outras pessoas e tornando possível a convivência em sociedade. Além disso, a linguagem permite organizar o pensamento e torná-lo compreensível aos outros, sendo essencial para o aprendizado, a cultura e o desenvolvimento humano, considerando que a comunicação não se limita apenas à fala, mas também à escrita.

No contexto da interação social, observam-se diferentes variações linguísticas no Brasil, que variam conforme a região e a comunidade em que o indivíduo está inserido. Essa diversidade é fortemente influenciada por fatores histórico-culturais, podendo apresentar alterações ou permanecer relativamente estável, dependendo do contexto.

O Brasil caracteriza-se por uma expressiva diversidade linguística, resultado da complexa formação histórica, social e cultural do país. Entretanto, essa pluralidade, em vez de ser reconhecida como expressão legítima da identidade dos falantes, muitas vezes é alvo de discriminação. O preconceito linguístico manifesta-se quando certas variações da língua, especialmente aquelas associadas a grupos socialmente marginalizados, são percebidas como incorretas, inferiores ou inadequadas.

Segundo Bagno (2007), essa visão reflete uma concepção equivocada e normativa da linguagem, que privilegia a variedade culta geralmente associada às classes dominantes em detrimento das demais formas de expressão. Marcuschi (2001) também enfatiza que a língua é um fenômeno heterogêneo, vivo e em constante transformação, sendo inadequado julgar uma variedade como superior a outra. Tal postura não apenas ignora o caráter dinâmico e multifacetado da língua, como



também reforça desigualdades sociais ao deslegitimar práticas comunicativas de parte significativa da população.

Serra (2018, p. 19), no entanto aduz que

Toda comunidade é caracterizada pelas diferentes formas de falar – variedades linguísticas, assim podemos confirmar que qualquer língua, falada por um grupo de pessoas, sempre apresenta variedades. E que a língua não se apresenta como entidade homogênea, sendo todas as línguas representadas pelo conjunto de suas diversidades, que não podem ser separadas - o que não é um problema, mas sim uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, isto é, as diferentes formas de dizer a mesma coisa são parte do fenômeno linguístico (Serra, 2018, p.19).

Cada comunidade possui características próprias, formadas de maneira natural e heterogênea. Ao observar a forma de falar de uma pessoa e as gírias que utiliza, muitas vezes é possível identificar sua origem geográfica ou social.

Apesar dessa riqueza linguística, a diversidade presente no Brasil é frequentemente percebida por alguns como um problema. Muitas variações são desvalorizadas ou consideradas inferiores, configurando uma forma de preconceito linguístico. Combater esse preconceito implica reconhecer a legitimidade das múltiplas formas de falar e promover uma educação linguística pautada no respeito à diversidade e na valorização da identidade dos falantes.

No contexto educacional e social brasileiro, as diferentes formas de expressão frequentemente funcionam como marcadores de status social, gerando exclusões sutis e naturalizadas. Ao atribuir valor negativo às variedades linguísticas populares ou regionais, legitima-se uma lógica de dominação simbólica, na qual apenas a norma culta é reconhecida como forma “correta” de expressão.

Segundo Bourdieu (1998), essa prática relaciona-se ao conceito de “violência simbólica”, em que a imposição de uma língua legítima oculta relações de poder e contribui para a reprodução de desigualdades. Bagno (2007) corrobora essa perspectiva ao afirmar que o preconceito linguístico é particularmente pernicioso, pois atinge diretamente a identidade dos sujeitos e impede o reconhecimento da legitimidade de suas formas de expressão. Dessa maneira, a valorização da diversidade linguística torna-se uma estratégia de inclusão social e reconhecimento cultural.



As variações linguísticas associadas a grupos populares, periféricos ou regionais frequentemente carregam estigmas que afetam a percepção e o tratamento dos falantes na sociedade. Esses estigmas não dizem respeito apenas à língua, mas refletem julgamentos sociais mais amplos, baseados em classe, etnia e território. Bagno (2007) destaca que o preconceito linguístico muitas vezes mascara preconceitos sociais mais profundos, como racismo, classismo e regionalismo. Assim, certos modos de falar tornam-se injustamente marcadores de inferioridade, implicando, equivocadamente, menor capacidade ou inteligência dos falantes em relação aos que utilizam a norma-padrão.

Para Bortoni-Ricardo (2004), esses estigmas decorrem de uma visão equivocada da língua como um sistema fixo e hierarquizado, em vez de compreendê-la como um fenômeno social, vivo e plural. Superar tais estigmas exige uma mudança de paradigma na educação linguística, promovendo respeito à diversidade e valorização das identidades sociolinguísticas.

Além disso, Goffman (1996) conceitua estigma como a percepção de alguém como “inferior” aos demais em razão de algum traço específico, como cor da pele, modo de falar, aparência, orientação sexual, religião ou condição social. O estigma está diretamente relacionado ao preconceito, entendido como a opinião ou julgamento negativo sobre alguém, muitas vezes sem conhecimento direto ou fundamentado.

Goffman (1996, p. 5) afirma:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. (Goffman, 1996, p. 5).

Entende-se então que a sociedade estabelece esses estigmas, que são muitas vezes utilizados para inferiorizar algumas comunidades, os quais vem trazer grande retrogradação social e cultural, pois essa ação vem pressionar essas pessoas, podendo trazer uma grande lacuna cultural.



2.1 LINGUAGEM PERIFÉRICA DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

A linguagem periférica caracteriza-se pela informalidade e pelo uso de gírias, muitas vezes popularizadas para além das próprias comunidades, especialmente por meio da música. Apesar de sua riqueza expressiva, essa variação linguística é frequentemente alvo de preconceito, sem que se considere o contexto de vida das pessoas que a utilizam.

A periferia é, muitas vezes, associada popularmente à pobreza, realidade exemplificada no livro *Quarto de Despejo* (1992), de Carolina Maria de Jesus. Na obra, observa-se uma linguagem pouco formal e marcada por erros, preservados pelos editores para permitir ao leitor compreender melhor o contexto social em que Carolina estava inserida.

Além disso, grande parte das periferias convive com elevados índices de violência e criminalidade, situações que podem impactar negativamente na formação do caráter de jovens, embora haja exceções. Nesse contexto, observa-se um aumento significativo da violência doméstica.

As vítimas de violência doméstica são mulheres que sofrem ações que violam sua dignidade física, sexual, psicológica, moral, simbólica e patrimonial. Essa condição de vulnerabilidade é reforçada por estruturas patriarcais, econômicas, culturais e sociais que naturalizam a violência e culpabilizam as vítimas, ampliando sua exposição a riscos e fragilidades.

Perante essa vulnerabilidade, Santos (2024, p. 5) afirma que:

Na Comunidade (favela), onde se concentra o maior número de mulheres, e o crescimento em larga escala da violência doméstica, física, psicológica, financeira, sexual, não tem idade, cor e raça, para que se torne vítima basta que seja mulher. (Santos, 2024, p.5)

Percebe-se, portanto, que as favelas e periferias apresentam índices elevados de violência, frequentemente banalizados pela sociedade. Entretanto, é importante ressaltar que, segundo a autora, essa opressão contra a mulher não se restringe a essas comunidades.

A violência exercida contra as mulheres não se manifesta apenas de forma



explícita; ela também pode ocorrer de maneira simbólica, tornando a mulher dependente de seu parceiro e dificultando seu processo de ruptura e conquista de autonomia.

3. MÉTODOS

Optou-se pela metodologia qualitativa, dada sua aptidão para compreender as interpretações que as pessoas atribuem às suas vidas e aos ambientes em que vivem, especialmente no caso das mulheres vítimas de desigualdade social. Esta pesquisa, que explora o reconhecimento da linguagem e da cultura das periferias por meio de atividades práticas realizadas no CREAS Samuel Klabin, em Telêmaco Borba, é relevante para entender as percepções e manifestações simbólicas diárias das mulheres assistidas. Minayo (2001) destaca que a pesquisa qualitativa é indicada para examinar questões humanas complexas, uma vez que considera os sujeitos de maneira integral. Bauer e Gaskell (2002) complementam, afirmando que essa abordagem permite identificar representações sociais e discursos que influenciam hábitos culturais, possibilitando uma análise mais atenta e situada das formas de luta e identidade presentes em comunidades marginalizadas.

A pesquisa bibliográfica foi incorporada com o objetivo de criar uma base teórica sólida, articulando-se às experiências observadas em campo. Segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa é essencial para fornecer suporte conceitual a estudos científicos, viabilizando análises fundamentadas em autores que abordaram temáticas similares. Neste estudo, o levantamento teórico abrange questões como linguagem e identidade cultural (Bakhtin, 2006), cultura periférica e resistência (Duarte, 2013; Souza, 2011) e políticas públicas de assistência social (Iamamoto, 2008), permitindo interpretar os dados coletados no CREAS Samuel Klabin à luz de discussões consolidadas na literatura acadêmica. Dessa forma, a revisão bibliográfica não apenas sustenta a análise, mas também promove um diálogo crítico entre teoria e prática observada em campo.

Além disso, utilizou-se o método descritivo, aliado à abordagem bibliográfica, que, segundo Gil (2010), busca observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou



fenômenos sem qualquer forma de manipulação. Por meio desse método, é possível relatar os dados de forma objetiva, respeitando a autenticidade dos relatos obtidos.

A história oral, conforme Meihy e Holanda (2007), constitui um recurso importante em pesquisas qualitativas, pois possibilita o resgate de narrativas pessoais e a valorização do sujeito, oferecendo uma compreensão essencial para analisar processos históricos, sociais e culturais sob a perspectiva daqueles que os vivenciaram.

4. NARRATIVAS QUE CURAM

O projeto “*Narrativas que Curam*” foi desenvolvido com base em uma metodologia participativa, criativa e inclusiva, estruturada em quatro módulos sequenciais. Cada módulo teve como objetivo promover a expressão individual e coletiva de pessoas em situação de vulnerabilidade social, respeitando seus tempos, histórias e formas de comunicação.

No primeiro módulo, denominado **Caixa Secreta de Histórias**, os participantes foram convidados a escrever anonimamente relatos, sentimentos ou experiências pessoais. O anonimato foi garantido por meio de uma caixa na qual os papéis eram depositados, permitindo que cada pessoa se expressasse livremente, sem exposição ou julgamento. Esta etapa inicial teve como finalidade estimular a confiança e abrir espaço para a escuta de conteúdos frequentemente silenciados.

O segundo módulo, chamado **Mural de Reflexão e Esperança**, consistiu na análise confidencial dos relatos coletados pelo facilitador. Palavras-chave e temas recorrentes foram identificados e apresentados em uma roda de conversa. Os participantes refletiram coletivamente sobre conceitos como dor, superação, medo, esperança e resiliência. A partir dessas discussões, foram criadas representações visuais como colagens, desenhos e palavras soltas que compuseram um mural coletivo, simbolizando a identidade e a força do grupo.

O terceiro módulo, **Oficina de Criação**, teve como objetivo transformar sentimentos e temas levantados em produções artísticas. Os participantes foram organizados em pequenos grupos e incentivados a criar poemas, contos, músicas ou



obras visuais, utilizando materiais diversos, como papéis, tintas e recortes. A mediação ocorreu de forma acolhedora, promovendo liberdade criativa e trabalho em equipe, sem a exigência de exposição das histórias pessoais.

O quarto e último módulo consistiu na **Exposição Coletiva Opcional**, na qual as produções artísticas foram organizadas e expostas de forma anônima, conforme a escolha de cada grupo. A exposição, realizada em ambiente físico ou digital, funcionou como uma celebração da trajetória vivida durante o projeto. Ao final, realizou-se uma roda de conversa para que os participantes compartilhassem impressões sobre o processo, fortalecendo os vínculos criados e encerrando a ação de maneira afetiva e respeitosa.

Em todas as etapas, priorizou-se uma linguagem acessível, a escuta ativa e o respeito aos silêncios. A condução ocorreu sem imposições, garantindo a liberdade de participação em todas as formas: oral, escrita, visual ou apenas observadora. Essa abordagem possibilitou o fortalecimento da identidade coletiva, a criação de um espaço de pertencimento e a valorização das vivências de sujeitos historicamente silenciados.

4.1 VIVÊNCIAS E NARRATIVAS

O projeto *“Narrativas que Curam”* busca oferecer um espaço seguro de expressão para pessoas em situação de vulnerabilidade atendidas pelo CREAS Samuel Klabin. Muitas dessas pessoas enfrentam violência, exclusão social, preconceito e dificuldades estruturais que limitam sua voz e participação na sociedade.

O projeto proporciona, assim, um ambiente de escuta e acolhimento, no qual experiências individuais são transformadas em narrativas coletivas, fortalecendo identidade, autoestima e sensação de pertencimento.



4.1.1 Relato de vida

O relato de vida foi concebido como um espaço para que as mulheres pudessem compartilhar suas experiências, resgatando trajetórias pessoais e refletindo sobre como suas histórias se articulam com os contextos sociais, culturais e históricos nos quais estão inseridas. Contar uma história de vida não se limita a datas, lugares ou acontecimentos; trata-se de abrir janelas para memórias, marcas, silêncios e palavras que revelam dimensões profundas da experiência humana.

Esse relato nasce do desejo de compreender que ninguém é formado apenas por escolhas individuais: cada passo, cada conquista e cada dificuldade carregam ecos do mundo ao redor, mesmo quando isso não é plenamente percebido.

Ao ouvir ou narrar uma história de vida, busca-se mais do que registrar uma trajetória: pretende-se compreender como ela se entrelaça com desigualdades, oportunidades, rótulos sociais e formas de resistência construídas por cada indivíduo. A análise proposta não tem caráter julgativo, nem busca encaixar as experiências em fórmulas prontas. Seu objetivo é, sobretudo, dar espaço para que a voz de quem frequentemente não é escutado possa ecoar, mostrando que, ao narrar sua vida, cada mulher também revela os mundos pelos quais passou, as barreiras que enfrentou e os sentidos construídos para existir nesse tempo e lugar.

4.1.2 Objetivo de Relato

O relato de vida tem como objetivo resgatar e compreender as histórias e trajetórias de mulheres vítimas de violência doméstica, evidenciando que, por trás de cada dificuldade e conquista, existem também influências do contexto social, das relações interpessoais e das realidades enfrentadas diariamente. A análise do discurso permite perceber que as palavras carregam significados, marcas e histórias que atravessam gerações. Elas revelam, simultaneamente, as tentativas da sociedade de impor padrões e os esforços individuais de resistência, reinvenção e afirmação de si.



Dessa forma, o relato de vida torna-se uma prática que valoriza experiências atravessadas por questões de classe, gênero, acesso à educação, trabalho e cultura. Cada fala, silêncio e lembrança, carrega parte desses contextos, contribuindo para dar visibilidade a quem nem sempre tem voz. O processo possibilita uma escuta atenta e sensível, promovendo aprendizado, reflexão e ampliação da compreensão do mundo sob diferentes perspectivas.

4.1.3 Uma Prática que ensina

No dia 9 de junho, foi realizada a primeira atividade do projeto no CREAS Samuel Klabin, consistindo na escrita do relato pessoal de cada mulher presente. Algumas participantes relutaram ou se recusaram a escrever, seja por dificuldade com a escrita, seja por receio de se expor. Para contornar essas barreiras, acadêmicas voluntárias auxiliaram na redação e incentivaram a participação das demais.

Todos os relatos foram depositados em uma caixa, garantindo anonimato e liberdade de expressão. Após a conclusão, os relatos foram sorteados e discutidos em roda de conversa, de forma anônima, para que todas se sentissem confortáveis. Essa prática visou não apenas registrar experiências individuais, mas também criar um espaço seguro de escuta e compartilhamento, fortalecendo a confiança, a expressão e a coletividade entre as participantes.

Figura 1 - caixa secreta para os relatos



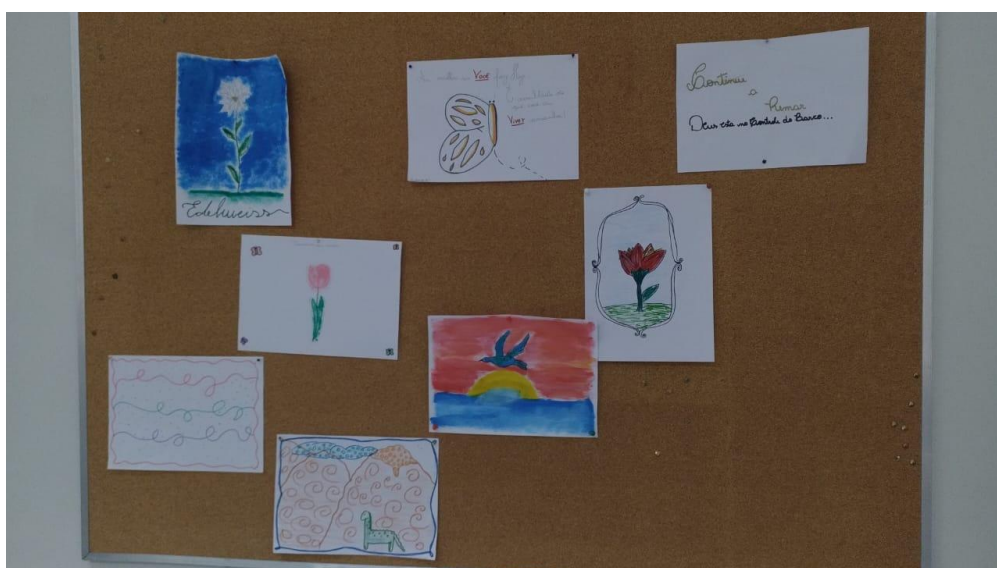
Fonte: Autora (2025)



Alguns relatos se destacaram, sendo a maioria deles marcados por experiências de violência, dor e preconceito. Contudo, também emergiram narrativas permeadas por esperança, revelando o desejo de superação e de construção de um futuro melhor. Durante esse processo, observou-se que algumas participantes, ao ouvirem determinados relatos, reagiam com risos ou expressões de desprezo, ainda que elas próprias tivessem vivenciado episódios de violência. Essa reação evidencia a complexidade das dinâmicas sociais e emocionais presentes em grupos vulneráveis, nas quais o sofrimento, por vezes, é minimizado como mecanismo de defesa ou como reflexo da naturalização cultural da violência.

No segundo encontro, realizado em 16 de junho, a proposta metodológica foi diferente. Embora muitas das participantes do primeiro momento não tenham podido comparecer, desenvolveu-se a atividade denominada Oficina de Criação. Nessa ocasião, cada mulher recebeu materiais diversos e foi incentivada a desenhar livremente o que desejasse. A atividade buscou favorecer a expressão simbólica, oferecendo um espaço seguro para que sentimentos, memórias e perspectivas fossem traduzidos em formas artísticas, sem necessidade de exposição direta das vivências pessoais.

Figura 2 – Mural de Criação





Sob a ótica de Bakhtin (2006), essas produções artísticas podem ser compreendidas como enunciados que expressam não apenas individualidades, mas também vozes sociais e coletivas que atravessam a existência das participantes. Já em diálogo com Bourdieu (1998), é possível interpretar que as manifestações simbólicas presentes nos desenhos e narrativas representam uma forma de resistência frente à violência simbólica, frequentemente imposta pela sociedade às mulheres em situação de vulnerabilidade.

Ademais, em consonância com Paulo Freire (1996), a oficina configurou-se como prática de liberdade, uma vez que promoveu um espaço de criação coletiva, diálogo e conscientização, permitindo que as participantes ressignificassem suas experiências por meio da arte.

Cada acadêmica saiu profundamente impactada com os relatos e diálogos vivenciados. Mais do que um simples exercício acadêmico, caracterizado por ações interdisciplinares e pela prática da pedagogia social, a experiência constituiu-se como um momento de aprendizagem significativa, marcado pelo encontro com realidades distintas e pelo contato humano transformador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, evidencia-se a relevância da valorização da linguagem periférica como elemento constitutivo de identidade, resistência e pertencimento cultural. As variações linguísticas, longe de representarem erros ou falhas, configuram-se como expressões legítimas da diversidade sociocultural presente nas comunidades marginalizadas. Nesse sentido, os estudos sobre linguagem e identidade demonstram que as formas de falar ultrapassam a mera função comunicativa, assumindo o papel de expressões simbólicas de vivências, resistências e pertencimentos.

A linguagem periférica, frequentemente marcada por gírias, construções não normativas e expressões culturais próprias, é, contudo, alvo de desvalorização diante de uma visão elitista que privilegia a norma-padrão. Esse olhar hierarquizado reforça



desigualdades sociais e invisibiliza formas de expressão que carregam significados profundos sobre a realidade das periferias.

O estudo teórico, assim, aponta para a urgência de uma abordagem mais sensível e crítica em relação às formas de comunicação utilizadas por grupos periféricos, reconhecendo-as como instrumentos potentes de significado, autonomia e resistência. Compreendida em sua pluralidade, a linguagem ocupa lugar central na luta contra a exclusão social e na construção de espaços mais inclusivos e representativos. Valorizar a linguagem periférica no campo acadêmico e educacional não constitui apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia para ampliar os horizontes do conhecimento, promovendo o respeito à diferença e reconhecendo a riqueza cultural existente nas margens da sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor de língua materna: construindo uma proposta de ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1998.

COAN, M.; FREITAG, R. M. Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173–194, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 12 maio 2025.

DUARTE, A. **A cultura da periferia: a arte como resistência**. São Paulo: Cortez, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**.



Tradução de Marcos Marcionilo. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Organização de Audálio Dantas. São Paulo: Ática, 2007.

MARCUCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MICHAELIS. **Linguagem. Dicionário Michaelis On-line**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 11 maio 2025.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Mulheres vítimas de violência doméstica**: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, [S. l.], v. 37, n. 1, 2006. Disponível em: <https://puhrs.emnuvens.com.br/revistapsico/article/view/1405>. Acesso em: 16 maio 2025.

SA, S. D.; WERLANG, B. S. G. **Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura**. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 106-116, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2025.

SAVARIEGO, T. **Teoria de Goffman**: um olhar sobre o estigma social feminino subjacente às decisões judiciais em casos que envolvem mulheres vítimas de violência. Apresentação de PowerPoint. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão (PPGOLD), 14 jul. 2023. Disponível em: <https://prppg.ufpr.br/site/ppgold/wp-content/uploads/sites/107/2023/07/ppgold-seminrio-ii-slides14072023-1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIOLÊNCIA doméstica contra mulheres das comunidades e periferias. RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar, v. 5, n. 1, e514781, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i1.4781>. Acesso em: 13 maio 2025.